

Luiz Carlos Villalta

Professor assistente da Fundação Universidade Federal de Ouro Preto. Doutorando e Mestre em Ciências (História Social) pela Universidade de São Paulo.

Os clérigos e os livros nas Minas Gerais da segunda metade do século XVIII

A 'sociologia histórica das práticas de leitura', segundo Roger Chartier, move-se em meio à tensão operatória estabelecida entre, de um lado, o poder que o texto publicado (e/ou daqueles que estão por trás dele) procura exercer sobre o leitor e, de outro, a liberdade e a inventividade do leitor na produção de sentidos no contato com os textos¹. Neste artigo procuramos averiguar como esta tensão se manifestou em relação a um grupo especial de leitores: os clérigos das Gerais do século XVIII, em sua maioria personagens notáveis; alguns pelos cargos que ocuparam, outros por seu envolvimento na Conjuração Mineira.



Numa primeira etapa, examinaremos que títulos e autores a Igreja católica procurava disseminar entre os eclesiásticos e que lugar estes ocupavam como proprietários de bibliotecas na França, em Portugal e, em seguida, nas Gerais do século XVIII. Depois, analisaremos bibliotecas pertencentes a clérigos mineiros do período, submetendo os dados referentes aos livros (nomes dos autores, títulos, língua em que foram escritas as obras, assuntos e preços) a um tratamento quantitativo, identificando regularidades entre as diversas livrarias e descobrindo os traços singulares de cada uma delas.

Explicaremos as recorrências e especificidades das bibliotecas correlacionando-as ao estado sacerdotal e, quando possível, à biografia dos clérigos que eram seus proprietários: suas idéias, seus comportamentos e seus escritos. Com isso, verificaremos como a composição das livrarias, em suas divisões por assunto e em suas peculiaridades, associava-se à trajetória pessoal de seus proprietários e ao estado clerical. De um lado, relacionaremos a prática e o discurso político dos mineiros ao universo literário e, de outro, observaremos se os livros anularam ou reforçaram as normas coletivas, sociais (e não legais), hegemônicas, de comportamento sexual. Desse modo, avaliaremos em que medida os livros influenciaram as condutas políticas e sexuais - ou, ao menos, se não o fizeram - e se os clérigos inconfidentes se diferenciavam dos demais.

Os clérigos e os livros na França e em Portugal no século XVIII

Os clérigos ocupavam lugar de destaque entre os possuidores de bibliotecas na França e em Portugal do século XVIII. Nas cidades do Oeste francês, no século XVIII, em 33,7% dos inventários havia pelo menos referência a um livro, enquanto em Paris, no decênio de 1750, esta cifra baixava para 22,6%². Na capital francesa, na segunda metade do século XVIII, 62% dos inventários de eclesiásticos faziam menção a livros.

Mas esta porcentagem estava abaixo da apresentada pelos escrivães e bibliotecários (100%) e professores (75%), e se igualava a dos advogados (também 62%)³. Os eclesiásticos portugueses perfaziam 54% dos proprietários privados de bibliotecas que discriminaram sua ocupação ao encaminharem listagens de livros à Real Mesa Censória, criada em 1768. Depois, vinham aqueles que se ocupavam com questões de direito⁴.

Nas cidades do Oeste da França, as bibliotecas eclesiásticas, entre o final do século XVII e os anos de 1780, passaram de entre 20 e 50 volumes cada uma para entre 100 e mais de 300⁵. Nas listas de livros dos padres portugueses, a divisão entre as línguas, em ordem decrescente, era: português, latim e espanhol, aparecendo mais raramente, nos casos de obras de literatura, o francês e o italiano⁶. Nas bibliotecas clericais da capital francesa, entre 1765 e 1790, houve um recuo do latim, que passou de 47% para 27%⁷.

Nas listagens enviadas pelos clérigos portugueses à Real Mesa Censória, predominavam, em ordem decrescente, os seguintes tipos de livros: primeiro, obras religiosas, místicas e hagiológicas e sermões; depois, títulos de teologia; em seguida, de história; e, por fim, de literatura⁸. Na Paris do século XVIII, a história rivalizava com a teologia. E tanto em Paris como nas províncias da França, as bibliotecas dos padres

possuíam certa homogeneidade, resultante da uniformização provocada pelos regulamentos dos Seminários e pelas recomendações das autoridades eclesiásticas com o objetivo de tornar os clérigos mais instruídos e disciplinados. Assim, a livraria de um 'bom cura' continha a Bíblia; os comentários das homílias feitos pelos padres, principalmente são Tomás e são Bernardo; obras de teologia moral; o *Catecismo do Concílio de Trento*, de são Carlos Borromeu; catecismos franceses e livros de espiritualidade, tais como *Imitação de Jesus Cristo*, *Guia dos pecadores*, de Louis de Granade e *Introdução à vida devota*, de Francisco de Sales⁹.

A posse de livros nas Minas da Colônia: o lugar do clero e a ortodoxia

São poucos os dados sobre a situação dos clérigos de Minas Gerais, face a outros grupos sociais, quanto à posse de livros. Há mais informações sobre como essa se distribuía dentro do próprio corpo eclesiástico. Livros foram arrolados em 14 inventários, de um total de 66, no distrito dos Diamantes, do final do século XVIII e início do XIX - o que corresponde, portanto, a cerca de 1/5 dos inventários. Seis padres tiveram seus bens inventariados e três deles possuíam bibliotecas, do que se conclui que metade deles tinha livrarias e que os mesmos somavam cerca de 1/5 dos proprietários de livros. Rivalizavam com os padres os funcionários graduados da

Real Extração: três, de um total de sete, possuíam livros. Todos os inventariados que tinham bibliotecas eram brancos e doze deles, portugueses¹⁰. Em Mariana, os índices de posse de livros entre os clérigos eram mais baixos que no Tejuco. Consultamos 128 inventários de padres, de um total de 174 existentes no arquivo da Casa Setecentista de Mariana, referentes ao período que se estende do século XVIII a meados do XIX. Dos 128, 40 mencionam livros, isto é, 31,2% dos inventários investigados (ou quase 1/3). Restringindo-se o universo unicamente aos inventários do século XVIII consultados no arquivo da Casa Setecentista e também no arquivo eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, a cifra permanece quase inalterável: de um total de 17, encontramos bibliotecas em seis, isto é, em mais de 1/3. Nos seqüestros dos bens dos eclesiásticos mineiros que participaram da Inconfidência, temos uma marca superior, mas eles talvez não sejam representativos do conjunto dos eclesiásticos: três, dentre os cinco seqüestros, mencionam bibliotecas. Os índices de posse de livros entre clérigos do Tejuco e de Mariana do século XVIII e início do XIX (1/2 e 1/3), portanto, colocam os clérigos das Gerais bem abaixo das cifras verificadas entre seus colegas de ofício parisienses (quase 2/3). Observamos diferenças, quanto ao número de volumes, entre as bibliotecas de clérigos de Minas Gerais e da França. As três bibliotecas clericais de

Diamantina compunham-se por 15, 35 e 90 volumes¹¹, números estes menores do que os mais baixos encontrados na França na mesma época (100 volumes). Em Mariana, oscilava-se entre 42 e 1.056 volumes - caso extremo da livraria do bispo dom frei Domingos da Encarnação Pontével, muito distinto do 'mais de 300' válido para as cidades do Oeste francês. Já entre os clérigos inconfidentes, a variação ia de 105 a 612 volumes, algo mais próximo do encontrado na França.

Em Minas Gerais, o acervo da biblioteca do Seminário de Mariana, fundado por dom frei Manuel da Cruz, primeiro bispo diocesano, em 1748, em explícita obediência às determinações tridentinas e com o beneplácito régio, guarda semelhanças com os livros prescritos pelas autoridades eclesiásticas na França. Indica, sobretudo, que a ortodoxia católica envolvia¹² livros de rituais, breviários, *as Constituições primeiras do arcebispado da Bahia*, de dom Sebastião Monteiro da Vide e autores como: o dicionarista e padre Rafael de Bluteau; Paul-Gabriel Antoine, escolhido como propagandista oficial pelo papa Benedito XIV¹³; Daniello Concina, teólogo recomendado pelas autoridades eclesiásticas de então¹⁴; Jacobi Besombes e Laurenti Berti, também teólogos; santo Afonso de Ligório, teólogo do século XVIII, caracterizado por sua benevolência em relação aos penitentes¹⁵; Natalis Alexandre, teólogo,

comentador das escrituras e historiador da Igreja; Lucí Ferraris, teólogo; Claudi Fleury, historiador da Igreja, clássico na segunda metade do século XVIII¹⁶; Anacleto, dicionarista e canonista (?); Giuseppe Agostino Orsy, historiador eclesiástico; são Pedro Crisogno; o jesuíta Vincent Houdry¹⁷; Honorati Tournely, teólogo; Tetri Ludovici Danis, teólogo; Jacobi Pignatelli, canonista; e autores clássicos como Quintiliano e Sêneca. Encontramos títulos sem menção a seus autores: *Teologia moral* e *Conferências morais*. No caso do primeiro, supomos tratar-se de Petrus Collet, cujo livro *Teologia moral*, utilizado como manual nos Seminários, antes e depois da Revolução Francesa¹⁸, era um dos clássicos estudados no bispado de Mariana¹⁹. Outros autores prováveis eram: o papa Benedito XIV; o teólogo capuchinho Jayme Corella; os teólogos Thoma Francisco Rotario, Petro Polo, Paolo Signeri, Josephi Ignati Claus e Josephi Mansi; os comentadores dos evangelhos Francisco de Jesus Sarmiento e Cornélio Corneli; o ilustrado Bento Jerônimo Feijó; os dicionaristas R. P. Richard e Joannis Pontas; Pyrrchi Corradi; os padres Manuel Bernardes e Manuel Madeira de Sousa. Na biblioteca do Seminário, ainda, se encontravam os títulos *Alcobaça ilustrada*, de história eclesiástica; *Introdução ao sacerdócio ou instruções eclesiásticas*; e o *Cursus theologicus et moralis*, do Collegy Salmanticensis (Universidade de Salamanca), de onde o Supremo

Tribunal da Inquisição dos Reinos de Espanha mandara riscar, no tomo V, tratado XI, número 185, uma passagem nada ortodoxa da qual se poderia deduzir que deus permitiria as relações sexuais, até mesmo violentas, com as mulheres, sem restrição nem mesmo às

que fossem virgens e pudicas, às quais o acesso seria facultado algumas vezes.

Livrarias clericais nas Gerais do século XVIII: similitudes e diversidades

As bibliotecas a serem analisadas



Raynal, Guillaume-Thomas François. Historie philosophique et politique des établissemens et du commerce des européens dans les deux Indes. Paris: Amable caster et c.1e, Librairies Éditeurs, 1800. Tomo 10.

possuíam tamanho bastante distinto (tabela I). Do lado dos clérigos inconfidentes, a maior biblioteca era a do cônego Luiz Vieira da Silva, compreendendo 279 títulos e 612 volumes. Em seguida, vinham as do padre Manuel Rodríguez da Costa, com 73 obras e 212 volumes; e do padre Carlos Correia de Toledo, com 58 obras e 105 volumes²⁰. Dentre as bibliotecas dos outros eclesiásticos, a de dom frei Domingos da Encarnação Pontevel²¹, bispo de Mariana à época da Inconfidência, era a maior, compreendendo 412 títulos e 1.056 volumes, estando bastante à frente da livraria do cônego Vieira da Silva²². Em ordem decrescente de número de obras, vinham as seguintes bibliotecas: a do cônego João Rodrigues Cordeiro, com 67 obras e 76 volumes²³; a do cônego João Botelho Borges, com 64 títulos e 126 volumes²⁴; a do padre Francisco Alves, com 37 obras e 48 volumes²⁵; a do bispo dom frei Manuel da Cruz, com 36 títulos e 79 volumes²⁶; a do padre João Ferreira de Souza, com 27 obras e 62 volumes²⁷ e a do padre José Teixeira de Souza²⁸, com 24 obras e 42 volumes²⁹.

Alguns títulos repetem-se, com maior ou menor intensidade, nessas dez livrarias. Os títulos e tipos de livros mais encontrados, em ordem decrescente, são: em sete livrarias, a *Bíblia e sua Concordância*, em edições e línguas diversas; e diferentes *breviários*; em seis bibliotecas, obras denominadas

Concílio Tridentino, que podem ser tanto as atas do Concílio de mesmo nome, como livros dos diferentes autores que se dedicaram ao estudo do assunto; em quatro delas, *Dicionário geográfico*, provavelmente de autores distintos, as *Ordenações do Reino de Portugal*, *Examen ecclesiasticum* e as *Constituições do arcebispado da Bahia*, de dom Sebastião Monteiro da Vide; em três livrarias, *Brasília pontificia* e *Caderno de santos novos*, além de missais e de livros de cerimoniais. Os autores mais freqüentes, também em ordem decrescente, são: em sete livrarias, Francisco Larraga, com seu *Prontuário de teologia moral*³⁰; em cinco delas, o padre Silveira, com seus comentários sobre os evangelhos e sermões; em quatro bibliotecas, o padre Antônio Vieira, com suas *Cartas*, *História do futuro* e *Sermões*, Bossuet e os teólogos Laurenti Berti e Jacob Besombes; em três livrarias, são Tomás de Aquino, o padre Manuel Bernardes, com *Nova floresta*, o comentador das escrituras e teólogo Francisco de Jesus Sarmiento, o canonista Ludovici Nogueira, o teólogo e canonista Bartholomaei Gavant, o poeta italiano Aurélio Bertola Giorgi, com suas *Noites clementinas* (homenagem ao papa Clemente XIV, que suprimiu a Sociedade de Jesus³¹), o teólogo Danielo Concina, Carlos Joaquim Colbert, com seu *Catecismo de Montpellier*, Petrus Collet, Cambacere, com seus Sermões, e Francisco José Freire, tratadista poético

português. A freqüência de tais títulos, tipos de livros e autores mostra a ressonância da ortodoxia católica, pois eles, em grande parte, coincidem com os recomendados pelas autoridades eclesiásticas e com aqueles encontrados na biblioteca do Seminário de Mariana. As similitudes entre as bibliotecas verificam-se também na distribuição dos livros pelos assuntos e línguas. Inspirando-nos no trabalho de Evelyne Picard³², classificamos os livros em dois grandes conjuntos: ciências sacras e ciências profanas. O primeiro conjunto foi subdividido em: escritura santa, compreendendo a Bíblia e os comentários que sobre ela se fizeram; padres da Igreja, referente aos escritos dos primeiros padres; teologia, incluindo aí os livros de teologia moral; história sagrada; cânones; liturgia, subdivisão em que se somam os livros especificamente litúrgicos, os catecismos, os textos de oratória sacra, manuais de confissão, breviários, obras devocionais e sermões; e, finalmente, dicionários. O grupo das ciências profanas foi assim dividido: geografia; retórica; história; dicionário; literatura e gramática; filosofia; política; direito; e ciências físicas e naturais. Algumas obras receberam dupla classificação, pois cabiam em mais de uma seção simultaneamente. Os resultados encontram-se reunidos nas tabelas I, II e III, e nos gráficos I, II e III. Nas bibliotecas clericais, com exceção da pertencente ao cônego inconfidente

Vieira da Silva, as ciências sacras predominavam sobre as ciências profanas, em diferentes proporções (tabela I e gráfico I): o padre Francisco Alves não possuía nenhuma obra de ciências profanas, tendo-nos sido possível classificar 33 dos 37 títulos que lhe pertenciam entre as ciências sacras, que somavam, portanto, 89,2% das obras (não conseguimos classificar as quatro restantes). Entre os outros clérigos não-inconfidentes, a participação das ciências sacras oscilava entre 85,2% (23 obras e 49 volumes), situação da livraria do padre João Ferreira de Souza, e 32,8% (22 obras e 31 volumes), caso da biblioteca do cônego Cordeiro - não nos foi possível classificar 42 livros desta biblioteca, de um total de 67, devido à ausência dos nomes dos seus autores e de seus títulos no inventário, fato que explica a baixa cifra das ciências sacras. As ciências profanas, inversamente, não ultrapassavam a marca de 19,2% (79 obras e 208 volumes) entre tais sacerdotes, cifra essa atingida na biblioteca do bispo Pontevel. O mesmo não sucedia entre os clérigos inconfidentes: o cón. Vieira da Silva tinha mais obras de ciências profanas que de ciências sacras (52,7% *versus* 35,5% ou, em termos absolutos, 147 obras e 329 volumes *versus* 99 obras e 236 volumes), e os demais, embora privilegiassem as últimas, não o faziam na mesma proporção que os padres não-inconfidentes: nas bibliotecas dos

padres Carlos Toledo e Manuel Costa, as ciências profanas atingiam, respectivamente, 29,3% (17 obras e 19 volumes) e 27,4% (20 obras e 54 volumes) - cifras mais elevadas que os 19,2% da biblioteca do bispo Pontevel - e as ciências sacras 63,8% (37 obras e 81 volumes) e 41% (30 obras e 128 volumes), respectivamente. Nos seqüestros dos bens do padre Costa, 15 livros não tiveram seus títulos e seus autores mencionados. A maior participação das ciências profanas nas livrarias dos padres inconfidentes é, certamente, indício da maior amplitude alcançada pelos interesses desses clérigos, mais atentos aos problemas profanos.

Nas bibliotecas, dentre as ciências sacras (tabela II e gráfico II), o primeiro lugar cabia à seção de liturgia, variando entre 12,3% (9 obras e 26 volumes), na livraria do padre Manuel Costa, e 67,6% (25 obras e 32 volumes), na do padre Francisco Alves, composta basicamente por sermões (21 obras). As exceções eram as livrarias do bispo Manuel da Cruz, em que a liturgia compartilhava do primeiro lugar com a história sagrada (13,9% e 11 obras), a do bispo Pontevel, em que esta posição era ocupada pela teologia (14%, 58 obras e 191 volumes) e a do cônego Vieira da Silva, em que a primazia pertencia aos cânones (7,9%, 22 obras e 51 volumes). Nestas duas últimas bibliotecas, a liturgia estava em segundo lugar, respectivamente, com 11,4% (47 obras e 107 volumes) e 6,1%

(17 obras e 29 volumes). Isso devia ser um reflexo, no caso do bispo Pontevel, de sua atuação como professor de teologia, em Portugal³³, e, no caso do cônego, de seu envolvimento em atividades administrativas na Igreja - ele, desde 1771, foi comissário da Ordem Terceira de São Francisco, e, a partir de 1783, na condição de cônego da Sé de Mariana, tornou-se membro do cabido diocesano³⁴. Para a igualdade numérica das seções de liturgia e história sagrada, na livraria do bispo Manuel da Cruz, pesaram dois livros sobre a história da ordem cisterciense, à qual o prelado estava estreitamente ligado, tendo chegado à condição de mestre dos noviços no mosteiro de Alcobaça, em Portugal³⁵.

Nas demais bibliotecas, a segunda posição, dentre as ciências sacras, era ocupada por diferentes seções. A teologia encontrava-se em segundo lugar nas livrarias do padre Manuel Costa (10,9%, 8 obras e 36 volumes), do cônego Cordeiro (7,5%, 5 obras e 5 volumes), do padre Toledo (17,2%, 10 obras e 22 volumes) e do padre Alves (10,8%, 4 obras e 4 volumes). Nas bibliotecas dos padres João Souza e José Souza, teologia e cânones dividiam a segunda posição, com, respectivamente, 7,4% e 8,3% (duas obras). Nas livrarias do bispo Manuel da Cruz e do cônego Borges, o segundo lugar era ocupado pela seção de cânones, respectivamente com 11,1% (4 obras e 4 volumes) e 7,8% (5 obras e 6

volumes). O destaque relativo dos cânones, nessas bibliotecas, relacionava-se aos cargos exercidos por seus proprietários: de bispo, por dom frei Manuel, e de cônego, provisor do bispado e vigário geral da Vara, por Borges³⁶. Nas livrarias do bispo Pontevel e do cônego Vieira da Silva, a história sagrada não era de todo esquecida, constituindo, respectivamente, 3,8% (16 obras e 73 volumes) e 3,9% (11 obras e 28 volumes) do total dos acervos.

Nas bibliotecas dos clérigos inconfidentes havia um traço singular: a seção de teologia vinha logo atrás da de liturgia, estivesse esta na primeira ou na segunda colocação (caso do cônego Vieira). A diferença, em termos percentuais, não ia além de 1,4%. Isso não sucedia com os clérigos não-inconfidentes, exceto, como já dissemos, do bispo e professor de teologia Pontevel. Entre os não-inconfidentes, a diferença oscilava entre 4,6%, caso do cônego Borges e 56,8%, caso do padre Francisco Alves. Essa diferença talvez seja uma expressão do maior refinamento intelectual dos clérigos inconfidentes, na medida em que demonstra um maior desapego em relação às questões mais imediatas da vida sacerdotal ou concernentes à administração eclesiástica, respondidas, respectivamente, pelas obras de liturgia e cânones, e um interesse por problemas mais complexos no que concerne à salvação do rebanho cristão.

Nas ciências profanas (tabela III e gráfico III), a primazia era concedida à literatura, que estava à frente das demais seções nas bibliotecas ou compartilhando o primeiro lugar com algumas delas. O cônego Borges e o padre João Souza eram as únicas exceções. Entre esses o destaque cabia, respectivamente, às seções de direito, com 7,8% (5 obras e 8 volumes), e filosofia e história, com 3,7% (uma obra) cada uma - a excepcionalidade da situação do direito na biblioteca do cônego Borges vinculava-se, provavelmente, ao exercício de cargos judiciais pelo mesmo. Assim, a literatura oscilava entre 2,8% (uma obra e dois volumes), na biblioteca do bispo dom frei Manuel - na qual, aliás, dividia a posição com a história e o direito -, e 17,6% (49 obras e 91 volumes), na livraria do cônego Vieira da Silva, sendo, neste último caso, a maior seção dentre todas. Os inconfidentes, ademais, demonstravam um maior apreço pela literatura do que os outros clérigos: a menor cifra da literatura entre eles, 8,2% (6 obras e 11 volumes), na livraria do padre Costa, corresponde a mais que o dobro, em números relativos, que o maior índice atingido entre os não-inconfidentes, isto é, 4,6% (19 obras e 27 volumes), na biblioteca do bispo Pontevel. Seriam esses números mais uma indicação de um certo despreendimento em relação às atividades *estritamente* sacerdotais? No caso do cón. Vieira da Silva, como

demonstraremos adiante, isso é inquestionável, parecendo suceder o mesmo ao padre Costa,

Entre as ciências profanas, a segunda posição cabia a seções diferentes em cada uma das bibliotecas. Nas pertencentes ao bispo Pontevel e ao padre Toledo, este lugar pertencia aos dicionários, respectivamente, com 3,9% (16 obras e 44 volumes) e 6,9% (4 obras e 4 volumes). Na livraria do cón. Vieira da Silva, cabia à filosofia, com 11,1% (31 obras e 92 volumes), refletindo sua dedicação ao ensino de filosofia, no Seminário de Mariana, atividade em que esteve engajado de 1759 até sua prisão. Nas bibliotecas do cônego Borges e do padre Costa, as ciências ocupavam a segunda posição, respectivamente com 1,6% (uma obra) e 6,8% (5 obras e 13 volumes). A presença das ciências na biblioteca do cônego Borges, frise-se, é inexpressiva em números absolutos e relativos, o mesmo não ocorrendo com o padre inconfidente Costa: sua livraria, embora 5,5 vezes menor que a livraria do bispo Pontevel, tinha quase o mesmo número de obras de ciências, em termos absolutos (5 *versus* 7), e comparava-se a do cônego Vieira da Silva, a qual, sendo 3,8 vezes maior, possuía menos que o triplo do número possuído pelo padre (5 *versus* 14). A trajetória posterior do padre Costa, ademais, como mostraremos a seguir, explica esta preeminência das ciências.

O terceiro lugar pertencia à história na biblioteca do cón. Vieira, com 9,3% (26

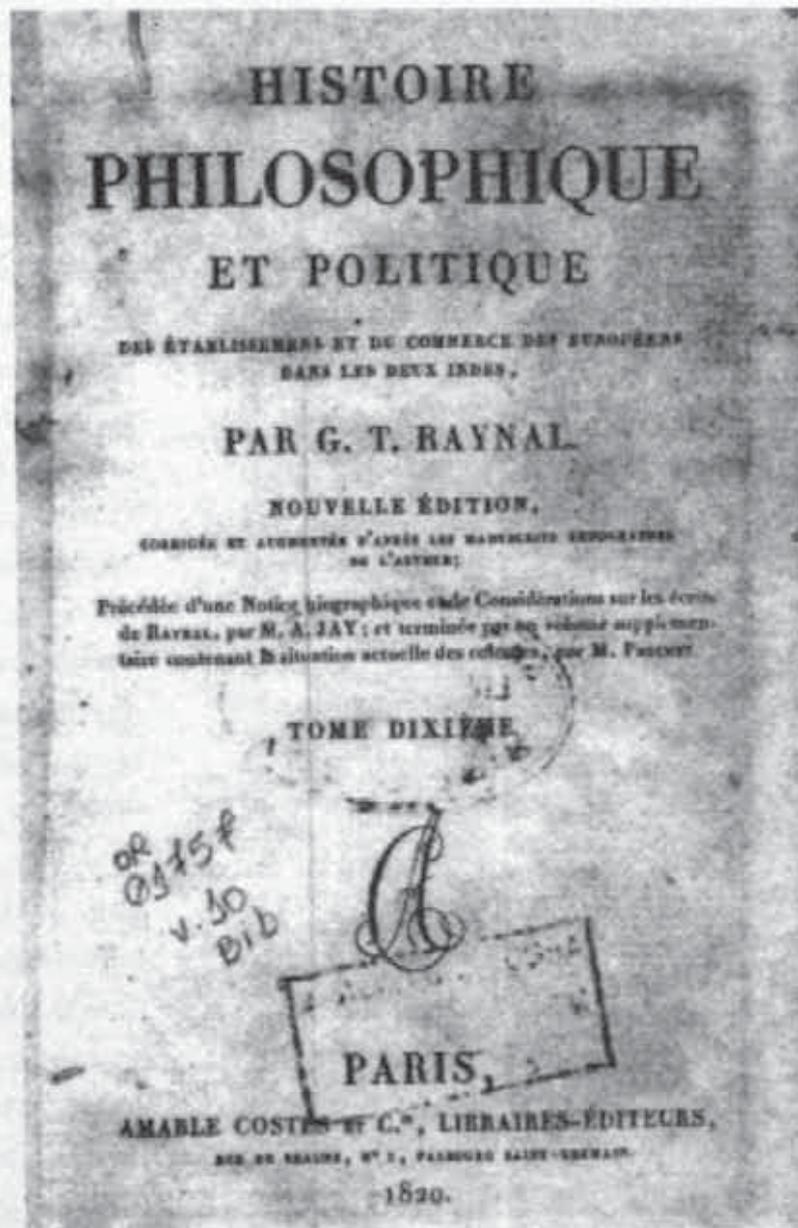
obras e 85 volumes); ao direito, na livraria de Pontevel, com 2,2% (9 obras e 38 volumes); e à filosofia, na biblioteca do padre Toledo, com 3,4% (2 obras e 2 volumes). Na biblioteca de Pontevel, do terceiro lugar aproximavam-se a história (1,7%, 7 obras e 26 volumes), a geografia (1,7%, 7 obras e 18 volumes) e as ciências (1,7%, 7 obras e 7 volumes).

Comparando-se as bibliotecas dos clérigos mineiros entre si, enfim, observamos uma nítida divisão separando os inconfidentes dos demais. Os primeiros possuíam interesses que ultrapassavam os limites imediatos do trabalho pastoral, voltando-se mais fortemente para questões teológicas e, até mesmo, profanas. O cón. Vieira da Silva, radical neste aspecto, era o mais singular, revelando maior interesse, em ordem decrescente, pela literatura, filosofia e história profana. Os clérigos não-conjurados, inversamente, à exceção do bispo Pontevel, eram prisioneiros de suas atribuições mais imediatas, fosse no trabalho pastoral, litúrgico, fosse nas atividades administrativas, que exigiam conhecimentos canônicos-jurídicos. Assim, dentre os clérigos não-inconfidentes, sobressaía a liturgia e, no caso específico dos cônegos e dos bispos, conferia-se um lugar especial aos cânones e ao direito. As bibliotecas do cón. Vieira da Silva e do bispo Pontevel refletiam ainda o exercício de suas atividades enquanto docentes,

respectivamente, de filosofia, no Seminário de Mariana, e de teologia, em Portugal. A livraria do bispo Manuel da Cruz, por seu turno, mostrava suas ligações com a ordem de São Bernardo e sua história. Por fim, devemos ressaltar a preeminência da literatura, mais nítida entre os inconfidentes, e

inexistente nas bibliotecas dos padres Alves e João Souza e do cônego Borges, e, ainda, o destaque das ciências, na biblioteca do padre Costa.

As livrarias dos clérigos das Minas distanciavam-se e aproximavam-se, em alguma medida, de suas congêneres européias. Havia, primeiramente, a



Raynal, Guillaume-Thomas François. *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*. Paris: Amable Costes et C.^o, Libraires Éditeurs, 1800. Tomo 10.

Portugal sob a alegação de licenciosidade: estava contaminado pelas idéias de Molinos, heresiarca para quem o demônio podia atuar violentamente sobre os corpos, levando almas perfeitas a cometer pecados, inclusive carnavais, sem que esses pudessem ser considerados como tais, pois seriam contra a vontade das pessoas que os praticavam³⁸.

Na posse desses livros, contudo, longe de vermos a erupção de uma suposta voluptuosidade oculta do prelado, temos apenas a manifestação de seu anacronismo, sendo sua ação pastoral a mais perfeita prova deste descompasso com o tempo e, ainda, de sua fidelidade aos ensinamentos da Igreja. Em seu governo diocesano, o bispo Cruz foi um intrépido tridentino, tomando iniciativas disciplinadoras e aculturadoras: visitas pastorais, medidas contra as ilicitudes dos eclesiásticos, habilitação de sacerdotes segundo as normas de "pureza de costumes e de sangue", fundação do Seminário de Mariana, instrução dos fiéis e dos clérigos, e introdução de novos cultos (ao Coração de Jesus, por exemplo) e da oração mental³⁹. Nada de 'licencioso' maculou sua gestão, repleta de muitos dissabores: conflitos de jurisdição com a justiça laica e com o bispo do Rio de Janeiro, atritos com os cônegos, verdadeiras pestes que o infernizaram assim como a seus sucessores imediatos, a expulsão dos jesuítas por dom José I, a punição do

amigo Inaciano Gabriel Malagrida...⁴⁰ E, por fim, a vivência cotidiana num território que sobrepujava, segundo palavras do próprio antístite, "às maiores cidades do orbe na torpeza diversificada dos vícios", somando, à ganância do ouro, a ambição, a vaidade, a soberba e os "falazes prazeres carnavais"⁴¹. Era dom frei Manuel a amargar a nostalgia de um mundo que nunca existiu (afinal, as Minas nasceram com o ouro); a utilizar topos literários que vinham da Roma da Antigüidade Clássica⁴² para expressar o que sentia em Mariana, sua *Altera Roma*; e a denunciar sua mácula e a de sua livraria: nostalgia. Nada além da nostalgia em relação a um mundo que nunca existiu; nada além de resquícios de um mundo que ruía, mas que, para o Reverendíssimo bispo, eram a razão de sua vida, nada tendo de perdição. Seu mal talvez fosse - como afirma Luiz Mott, ao referir-se ao suplício que impôs a negra Rosa Egípcia - agir às vezes "mais com humor viperino do que pombalino"⁴³. Ele era apenas prisioneiro do pré-pombalismo!

Dom Pontevel, nomeado bispo de Mariana em 1777⁴⁴, ao contrário de dom frei Manuel, era atingido pelo espírito do século. Em sua biblioteca encontravam-se dois autores ilustrados: Genuensis, iluminista oficial⁴⁵, proibido por Roma⁴⁶, e Robertson, historiador escocês que denunciava as mazelas da colonização⁴⁷. A composição da seção de história parece indicar que o bispo